

AVANCE CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 156

50 CENTAVOS

ANO IX



INVICTA-CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACTOR PRINCIPAL
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

ANO IX
Numero 156
PORTO
13 DE FEVEREIRO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMP. DIARIO DO PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e Aguinaldo Machado —
PARIS: Daniel Maybon, Robert
— Gaillard e Maurice Hiléro —
NOVA-YORK: Artur Coelho
HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— — — lherme — — —
BERLIM: Simon Haimovici
VIENA: Fritz Miko
ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITEM

as NOVAS INSTALAÇÕES da

RADIO-PORTO

na Avenida dos Aliados, 156 a 162

**O MAIOR ESTABELECIMENTO DE
RADIO-TELEFONIA EM PORTUGAL**

Segundo uma obra do

desenhador flamengo

masereel, berthold bar-

tosck está compondo os

“quadros

animados”

Os desenhos animados sonoros, derrubando o real, escavacando convenções, lançando-se em correria frenética no campo da fantasia, criando, em pequenos «poemas cômicos», um mundo completamente novo, fazendo do impossível possível, foi, e ainda é, uma das poucas coisas realmente maravilhosas que o fonocinema nos trouxe até hoje. Mas o encanto, a vida, a frescura, o inédito dos primeiros desenhos sonoros foi-se perdendo. Já não sentimos aquele sôpro de arrebatamento que de comêço nos assaltava. A' surpresa seguiu o hábito; ao inédito o já visto.

Dezenas de vezes e de mil formas diversas, as árvores, as flôres, os frutos, as casas, os móveis, as coisas, os animais, dansaram, correram, saltaram ou cantaram diante de nós, para nós. Hoje, um desenho de Walt Disney ou de Max Fleicher encanta-nos sempre, mas já não nos fascina, já não sentimos aquele enlêvo que se aposára de nós quando vimos, maravilhados, os primeiros «Mickey» ou as primeiras «Silly Symphonies.»

Mas se Disney, Fleicher e os outros que lhes seguem as pisadas, não abandonaram ainda o trilho que seguiam, na Europa uma nova fórmula acaba de ser creada. Os meios são os mesmos, os fins, só, é que são diversos.

Berthold Bartosch vai compôr um filme segundo uma obra de Franz Masereel.

Vocês não conhecem Masereel? Nunca viram reproduções de nenhum dos seus trabalhos? Nunca viram as suas imagens a negro e branco, duma dureza incisiva e duma beleza grave e muitas vezes dolorosa, ilustrando revistas estrangeiras? Masereel é um artista que Vocês deve-



Um desenho de Masereel

riam procurar conhecer, um artista «cujas obras fixa um mundo, onde a dôr se esmaga, onde a alegria grita, onde a revolta encrespa as multidões, onde assobia, faz esgares, ulula e se torce toda a maldição moderna, mas onde surgem também, do negro sem piedade, as chamadas brancas duma esperança».

E' pois dum album de Masereel, intitulado *Ideia*, que Berthold Bartosch, em colaboração estreita com o desenhador flamengo, vai fazer um filme de «quadros animados». Georges Altman, que já teve ocasião de ver o resultado dos primeiros trabalhos, escreve: «essas silhoetas, essas paisagens de artifício não parecem coalhadas, mecânicas ou estáticas. Isto é cinema, não do real fotografado pelo cinema, mas um sonho lírico levado pelo movimento, uma série de quadros que vivem e se movem. Pelo que vimos, parece ser um poema vivo, humano, de dôr e de revolta em que tudo parece carne, céu, árvores, água natureza.»

Completo, êsse filme talvez jamais venha a Portugal. Mas isso não impede que nos encha de júbilo a tentativa denodada, de dois artistas, para abrir novos caminhos à arte cinematográfica. E revelar ao público português o trabalho formidável a que Berthold Bartosch deitou ombros, encetando a composição dum filme segundo os desenhos de Masereel, é para nós um dever.

O peor é que o público português, tirando-lhe as côxas rúas da Marlène, as cançonetas do Chevalier, os olhos ternos do Garat e as cantiguinhas das operetas filmadas... não se interessa por mais coisa alguma...

DA VIDA CINEGRÁFICA

«Pamplinas» muda de apelido... na America

Em todos os filmes apresentados nos Estados Unidos, Buster Keaton, é conhecido por «Elmer Butts», porém, na sua nova produção intitulada «The Gardboard Lover», o impagável artista modificou o seu apelido ficando a chamar-se «Elmer Tuttle».

Esta mudança é devida ao facto de numa região americana existir um ilustre professor que foi batisado com o nome de Elmer Butts e que tem sido objecto de caçoada por parte dos seus conterraneos que gracejavam dos tipos caracterizados por Buster Keaton que traziam sempre o seu nome.

Indignadíssimo com êstes contínuos gracejos, Mr. Butts escreveu ao conhecido artista o qual mudou imediatamente o nome em consideração pelo homem cujo nome havia tomado sem saber.

John Weissmuller no papel de «Tarzan»

«Tarzan», a mais emocionante história das selvas, está sendo filmada nos studios da Metro-Goldwyn-Mayer W. S.

Van Dyke, o famoso director do «Trader Horn», dirige este filme.

John Weissmuller, o campeão de natação mundial e considerado como um dos homens mais bem formados fisicamente, interpreta o papel de Lord inglês criado por macacos, que se balança como eles nas arvores altíssimas das florestas.

Esta história de aventuras de Edgar Rico Burroughs, já nos foi apresentada, há anos, num filme silencioso. Todas as emoções dos seres humanos perseguidos por bestas selvagens serão vistas na tēla. Foram levados aos studios animais de todas as partes dos Estados Unidos, assim como varios macacos ensinados que trabalharão com Weissmuller nas arriscadas cenas em que ele aparece.

O notável elenco deste filme inclui a encantadora artista irlandesa Maureen O'Sullivan a qual interpreta o papel da jovem inglesa que desafia os terrores das selvas afim de se encontrar com o seu protector, o homem-macaco com quem ela finalmente se casa. C. Aubrey inter-

preta o papel de seu pai, mercador de marfim. Neil Hamilton caracteriza o jovem aventureiro britânico que acompanha a expedição no interior das selvas. Milhares de tipos africanos foram escolhidos para representarem os carregadores de armas de fogo, membros da expedição e selvagens.

Os directores cinematográficos nem sempre dirigiram

Ted Browning, o Edgar Allen Poe dos directores cinematográficos, foi um palhaço de circo, acrobata, cómico de palco, pregoeiro, polícia nos filmes de «Keystone» e o Mutt das comédias «Mutt and Jeff» antes de ser director.

Harry Beaumont, que dirigiu «Our Dancing Daughters» e outros filmes da juventude do jazz, outrora foi artista do palco e da tēla, e fez um filme falado no ano de 1913 nos studios de Edison.

Sidney Franklin, que acabou de dirigir «Private Lives», interpretou, em 1914, o papel dum cherriff do Oeste num filme de pequena metragem e mais tarde produziu «Jack and the Beanstalk» e outros filmes de crianças antes de chegar à posição em que se encontra.

Robert Z. Leonard, director do famoso filme «Susan Lenox», interpretou o heroi John Alden, em «The Courtship of Miles Standish» filmado em 1910 e também cantou em vários teatros com Lillian Russell.

Harry Pollard inaugurou o Alcazar Teatro em San Francisco quando era artista duma companhia ambulante e foi um dos fortes herois nos dias de Selog.

Charles F. (Chuck) Reisner foi vendedor de jornais, lutador de box, artista de vaudeville e compositor de canções antes de se tornar vilão cómico, e, mais tarde, director do «Caught Short» e vários outros exitos.

Edward Sedgwick que sempre dirige Buster Keaton nas suas impagáveis comédias, trabalha-



Layea

CABELEIREIRO DE SENHORAS
R. Sá da Bandeira, 3
(junto aos Congregados)
Elevador para todos os andares
Telefone, 833—PORTO



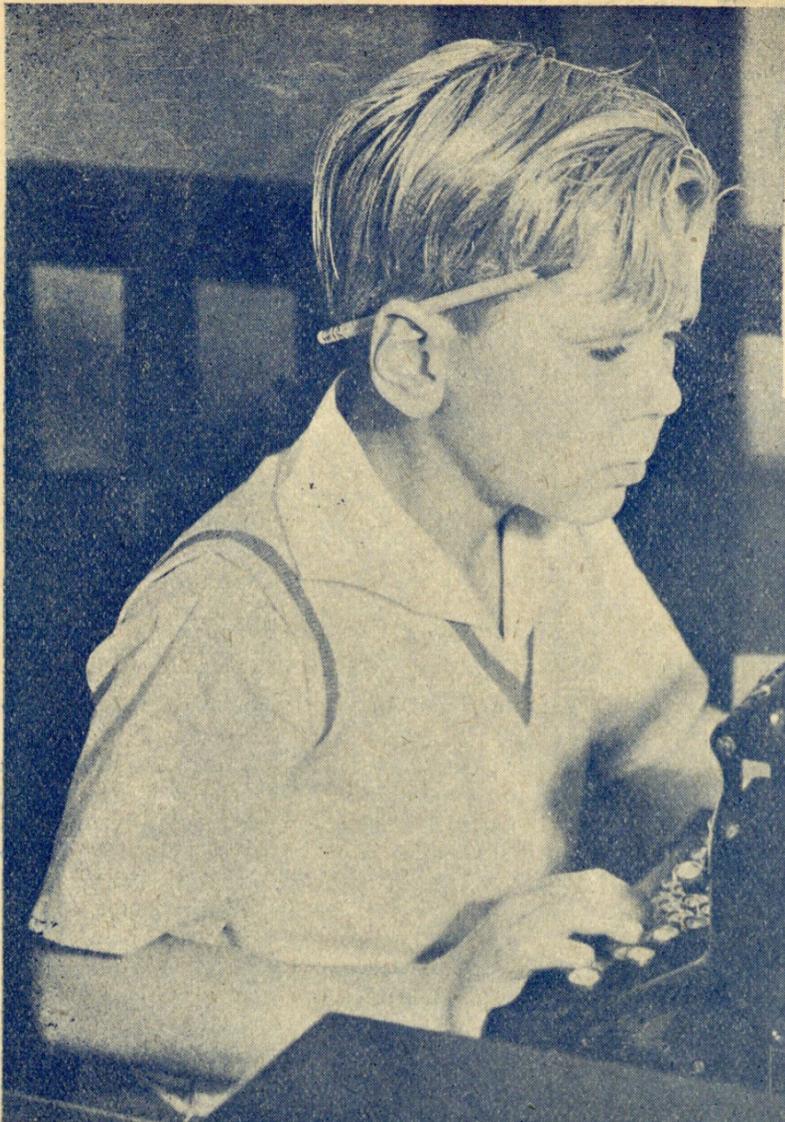
DANSA

Ensino teórico e
— prático —

Peixoto Guimarães

Rua Mártires da Liberdade, 240

PORTO



JACKIE COOPER, com sete anos de idade, o já famoso astro da Metro-Goldwyn-Mayer, experimenta a sua boa estrêla nas complicações da máquina de escrever

UNDERWOOD,
astro mais brilhante no firmamento das máquinas de escrever.

U
N
D
E
R
W
O
O
D

A **Underwood** dá um tom de elegancia e distinção ao seu possuidor.

Agente Geral: CARLOS DUNKEL — Rua do Bomjardim, 81 — PORTO

TELEFONE: 1013

va no palco em 1895, foi correspondente da Associated Press durante a revolução no Mexico, jogador de baseball de profissão, polícia, e autor de «You Told Me To Go», canção que teve grande êxito. Foi também oficial do exercito americano o heroi cinematográfico.

W. S. Van Dike, director do sensacional filme «Trader Horn», foi mineiro, vendedor de madeira, cocheiro, caixeiro viajante e guarda florestal.

Até parece Do último número da revista **piada...** «Cinelândia», transcrevemos a seguinte nota:

«Um teatro de Brooklin, anunciava ha pouco uma pelicula de Chatterton precedida pelo têma da Paramount, que no conjunto dizia: «Se é uma pelicula Paramount, é o melhor do espectáculo; «A Mentira Suprema».

O cinema alemão em 1931 Durante o ano de 1931, foram filmadas na Alemanha 137 peliculas sonoras de grande metragem, sendo dirigidas por 76 encenadores.

Pela censura alemã, passaram 281 filmes, sendo: 146 de produção germanica, 76 americanas e 56 dos restantes países europeus.

Entre os realizadores que mais se destacaram pela sua actividade, figura em primeiro lugar Carl Boese, seguindo-se Georg Jakoby.

«O homem que matei» As ultimas notícias chegadas da California, dizem ter sido exibido, em sessão destinada à imprensa, o novo filme de Ernst Lubitsch, «O Homem que Matei», com Lionel Barrymore no principal papel. Obra que se diz começar onde terminou «Nada de Novo na Frente Ocidental», temos nela a colaboração de três grandes artistas: Barrymore, Nancy Carroll e Phillips Holmes.

Um sosia de Wallace Beery Para interpretar uma cena perigosa de um filme de Wallace Beery, necessitava-se de um cavalheiro que substituisse o artista o qual devia parecer-se, fisicamente, com Beery.

Depois de muito procurar, o realizador resolveu visitar a prisão da cidade onde encontrou o «tipo» que desejava. Satisfeito com o «achado», o realizador voltou-se para o guarda da prisão e perguntou-lhe:

—Porque está preso este homem?

—Por querer imitar o actor cinematográfico Wallace Beery, respondeu o guarda...

Um comentario interessante Uma revista que se publica em Hollywood traz o seguinte comentário: «Como em Hollywood muitos se casam quatro e cinco vezes, é possível que dentro em pouco tempo todos os habitantes desta cidade sejam parentes uns dos outros»...

COMENTARIOS...

SEGUNDO nos consta, a empresa do Teatro Rivoli, vai iniciar «matinéés» com cinema sonoro.

Embora esta medida nos seja simpática pois iria nivelar a nossa cidade a algumas estrangeiras, não podemos deixar de afirmar que achamos esta iniciativa muito arrojada. Primeiro, porque os filmes escasseiam e os que ha com valor já estão marcados por outras empresas. Segundo, e embora nos custe dizê-lo, porque o nosso meio ainda não está preparado para organizações deste género.

Por conseguinte, muita cautela...

AO assistirmos na ultima semana à exhibição do filme «Nos lábios não...», recordamo-nos do seguinte caso passado com um nosso camarada, quando o mesmo entrevistou o director de uma das firmas produtoras de filmes mais importantes do mundo:

—A sua casa mantem em Portugal um nome que a distingue da maioria das casas congéneres — perguntou o nosso camarada.

—Yes...

—No entanto vem agir com inteligência para que o valor desse renome não seja diminuido.

—Yes...

—Não concorda que o vosso ultimo filme era bastante inferior?

—Yes...

E' bom que V. modifiquem a maneira de reclamar os vossos filmes, pois esse reclame tem sido mal orientado. Não concorda?

—Yes...

E este automato americano (!) respondeu sistematicamente com o seu yes a todas as perguntas, fazendo-nos lembrar Nicolas Rimsky que no filme mencionado responde da esma maneira.

Em síntese, os bons espíritos sempre se encontram.

MAIS um grande artista que deserta das fileiras americanas?

Charlie Chaplin, «Charlot», segundo se depreende das declarações feitas por êle a um periodico inglês, está resolvido a não voltar a Hollywood.

A confirmá-lo está o facto de ter ordenado ao seu secretário em Hollywood no sentido de reduzir o pessoal do seu «studio», conservando unicamente seis empregados. Segundo consta, tenciona fixar-se em Inglaterra.

Pode ser que com a sua presença o cinema inglês progrida um pouco e que dentro em breve nos possa dar uma ideia das suas possibilidades.

HAROLD Lloyd, qual Demosthenes, anda procurando uma jovem para a sua próxima película.

Para ter condições de exito precisa ser ingénua, (nestes tempos...) não importando que seja totalmente desconhecida.

Eis uma boa oportunidade para as nossas cinéfilas.

NUMA matinée do Aguia d'Ouro e quando se passava o filme «O Congresso que Dansa», uma senhora já idosa, voltando-se para uma amiga meio jovem, quando daquela cena da chegada do Czar a Viena, diz-lhe muito baixinho:

—Estou a gostar muito deste filme, pois como vês não ha nada que chegue ao esplendor dos reis. Agora já se não vê disto!...

Como os leitores veem, isto é simplesmente uma nova fórmula de criticar os filmes pelo lado da política.

O Carnaval êste ano apresentou-se com uma paralisia quasi total.

Nenhum entusiasmo nas ruas, um estúpido cortejo de estudantes, os cinemas, a maioria com interessantes progra-

mas e a preços convidativos, não nos apresentaram a mesma animação do anos anteriores, dando parte do público a impressão que estava assistindo a uma missa sufragando a morte do Entrudo.

Tudo neste mundo se está degenerando. E' de desejar que o cinema não acompanhe êste lesmoronamento, que se constata em todas as manifestações, senão ainda temos que vêr, para servir de atractivo ao público, uma Greta Garbo fazer o papel de cow-boy...

NUMA jovem e simpática revista cinematográfica portuense lemos, com surpresa, o seguinte: «ouvimos dizer que um dos próximos melhoramentos desta revista é o emprego de melhor papel».

Ouviram dizer?? Mas então não sabem ao certo o que lhes vai por casa? São os outros que lhes vão dizer que o papel que empregam vai ser melhorado?... Essa agora!!...

O crítico cinematográfico do «Jornal de Notícias» escreveu ha dias:

«O Aguia d'Ouro está em maré de sorte. Depois de «Congresso que dança» — Viena ao sol, Viena à luz misteriosa dos candelabros, toda uma época de história galante, divertida e sentimental — uma nova opereta mais espirituosa, mais fina ainda, mais francesa — «Nos lábios... não!» o «Pas sur la bouche» de André Barde».

E mais adiante:

«Sentido admiravel de visão (!). Pouco teatro, muito cinema (!)» (o itálico e os pontos de admiração são nossos.)

Nós bem sabemos que os gostos não se discutem... mas, com seiscentos diabos, essa de afirmar que «Nos lábios... não!» tem pouco teatro e muito cinema, custa a engulir...

Temos muita pena, mas ficamos convencidos que o crítico do «Notícias» ou quis ser gentil para com o «Aguia d'Ouro» — e está em seu pleno direito — ou estava muito «ceguinho» quando viu o filme...

O jornal «República», que também mete a sua colherada em assuntos de cinema, dá a seguinte notícia:

«O actor Nascimento Fernandes vai ser substituído no Aldra-bão pelo nosso amigo Chianca de Garcia» ..

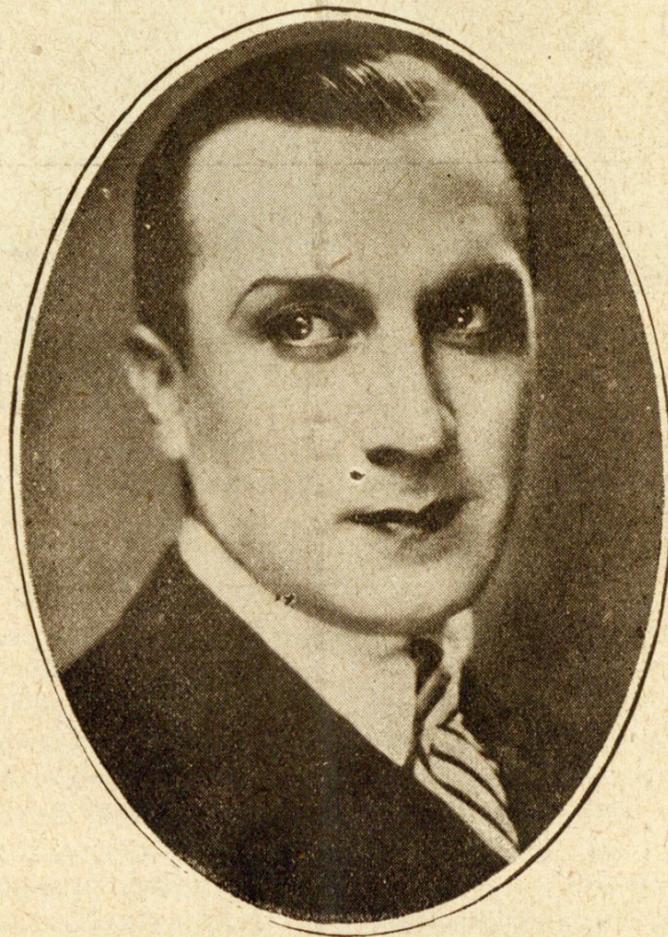
Passemos adiante.

VOCÊS já sabiam que um crítico de cinema, director,

tambem, dum semanário cinematográfico portuense, foi apanhado a jogar o carnaval com um entusiasmo «nec plus ultra»? Não sabiam? Pois foi verdade!

E ainda dizem que os críticos de cinema são sorumbáticos...

Nós.



IVAN MOSJOUKINE

Aparecer-nos-á dentro em breve no filme «O Sargento X»

Fotografia Guedes

O mais completo atelier fotográfico

Telefone, 2680

—NEVES GUIMARÃES—

346, Rua Santa Catarina, 350

O
R
E
I
D
A
G
R
A
X
A



Na próxima 2.^a feira
no
AGUIA D'OURO

Um super fonofilme
distribuido pela
AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L.^{DA}

Uma artista que regressa à actividade dos studios

Desde os tempos do admirado Valentino, seu ex-noivo, não houve ainda outro personagem do Cinema como Pola Negri, para despertar, pela sua vida, tanto interesse às legiões dos seus admiradores com que conta esta formosa trágica em todo o mundo.

Ao lançar o telégrafo a notícia do seu divorcio com o príncipe Sergio, membro do terceto M'Divani que com tanto exito tem invadido, com seus braços de nobreza, o campo dos capitais das milionárias; e de artistas proeminentes, o menos que se esperava de Pola Negri era a notícia de que contraíra casamento novamente. Não acontecia assim pois ela é sincera nos seus amôres, mas pouco tempo depois, estando em Paris, annunciou-se um contrato seu para trabalhar nas películas R. K. O. mediante uma grande remuneração.

Pola Negri, vem preencher um lugar, vem satisfazer a ânsia de milhares de fanáticos.

O Cinema necessita mais ainda, pede a presença nas suas fileiras, de caracteres exóticos, diferentes, que avivem o interesse das massas, e nada melhor, para este caso, que esta extraordinária artista de sangue hungaro-polaco

O nosso público, voluvel por imaginação, quente nas suas paixões, aprecia duplamente aquêles artistas que lhe falam ao coração e é por isso que a volta de Pola Negri tem causado tantos comentários favoráveis como o ingresso no cinema sonoro da artista Dolores del Rio.

A predileção que Apolonia Chalupcz (nome de nascimento de Pola) tem mostrado desde criança por tudo que fôr de côr preta, não obedece a «trucs» dos directores da publicidade, mas sim a um impulso psiquico, inconsciente, que a obriga a buscar no prêto desafôgo para a sua alma sonhadôra. Os seus vestidos, negros sempre, servem de realce ao seu corpo esbelto, e tanto o sombrio da sua figura como o azeviche do seu cabelo teria criado, caso Edgar Allan Poe fosse um contemporaneo, um belo modelo para alimentar as suas trágicas inspirações. Isto não quer dizer que a natureza de Pola é por si morbida ou melancólica, muito pelo contrário, pois canta, é extraordinariamente romantica e por vezes tem uma alegria que se torna comunicativa. Não obstante, na época feliz dos seus amôres com Valentino, tinha na sua casa uma banheira de porcelana negra e os mosaicos do seu quarto eram da mesma côr. Belíssimo motivo, com ela na agua, para um quadro do immortal Goya...

Estes antagonismos são desculpaveis, sendo próprios do seu temperamento exaltado.

Como dissemos, no inicio deste artigo, de acôrdo com o contrato com a R. K. O. Pola Negri chegou a Hollywood depois de ter recebido grandes demonstrações de carinho na babilonica Nova York.

Na Meca do Cinema, e enquanto a casa produtora escolhia o argumento para o filme do qual seria protagonista encetou Pola Negri as sumptuosas recepções que lhe tinham dado fama no passado. A sua popularidade imediatamente suplantou a das artistas mais conhecidas da Cinelandia.

A sua película a «Rainha da Servia» (Woman Commands) começou a filmar-se e, no decorrer dela, a saúde de Pola sofreu um rude ataque. Interrompeu-se a filmagem. As suas amigas ins-



POLA NEGRI

tavam para que retirasse do camarim o retrato de Valentino, mas ela não cedeu, alegando que tinha sido êle o seu primeiro e grande amôr. Melhorou o suficiente para lhe permitir a continuação da filmagem interrompida, tendo terminado «Rainha da Servia», melodrama sonoro que servirá de revelação para o mundo cinematográfico, pois que a estupenda artista tem excelentes condições para triunfar no Sonoro, pela dicção invejavel e pela sua voz que tem modelações agradabilíssimas. O exito do filme está completamente assegurado.

Pola Negri, no decorrer desta produção, interpretou a vida da famosa Maria Draga, artista de variedades que chegou a ser rainha da Servia, tendo os seus amores com o rei Alexandre, tido um fim trágico.

Agora que a celebre artista venceu temporariamente o destino fatal que a perseguia, estando em plena convalescença da operação intestinal que a reteve no hospital de Santa Mónica (Califórnia), é de desejar que o resurgimento da carreira artística que tão felizmente encetou não sofra interrupções, e que dentro em breve se possa anunciar o titulo da próxima produção, na qual aparêça de novo a grande trágica polaca em toda a plena pujança do seu incomparável talento.

Visado pela comissão de censura

Um enigma para Hollywood

a dificuldade em triunfar

Tudo que se faça em Hollywood, desde que seja iniciativa dos "consagrados" não causa admiração; mas, desde que algum novo se conduza fóra da vulgaridade, é imediatamente censurado. Ninguém se admira do isolamento de Greta Garbo; de Constance Bennett se conduzir duma maneira altiva; dos escândalos supostos de Clara Bow; de Ronald Colman se mostrar um ermitão

Para conseguir isto, é preciso que o artista já tenha triunfado, já milite ha muito tempo naquele terreno cosmopolita.

No firmamento de Hollywood, surgiu um russo — Ivan Lebedeff — cuja maneira de viver causou desde início admiração e em consequencia, censura. Todos o viam fazer gala dumas atitudes palacianas, que se encontravam completamente deslocadas naquele meio práctico. As suas polainas, a sua bengalinha, a sua maneira de cumprimentar tudo isso era um exagero para um simples extra...

A apreciação geral foi-lhe completamente desfavorável.

Achavam pedantismo demasiado para quem começava, para quem ainda tinha que lutar com afincó pelo sustento de cada dia.

Depois a agravar mais a desconfiança, estavam as afirmações d'ele, dizendo-se príncipe russo, descendente da melhor aristocracia, sempre a mesma "cantiga" que todos os russos dizem quando chegam da terra da "promissão".

No entanto, as informações vindas da Europa confirmavam em absoluto tudo o que Ivan afirmava. Este facto foi um choque enorme na maledicência, que teve que depôr as armas.

Ivan Lebedeff foi triunfando, embora lentamente, impondo-se pouco a pouco no meio dessa constelação brilhante.

Hollywood vendo que as suas desconfianças, as suas censuras eram imerecidas, não capitulou oficialmente mas sim nos comentários sustentados entre os "estrêlos". O seu orgulho não podia permitir que o seu "fracasso" fosse tornado público; e numa atitude de comodismo e de indiferença jamais quizeram conhecer esse "russo" que, não obstante a má vontade de muitos, triunfou completamente, a golpes de energia e de perseverança para encarar todos os lances da sua vida.

E, já que as sumidades de Hollywood não permitiam que esse príncipe russo, fosse apresentado ao público pelo seu verdadeiro valôr vamos dar a largos traços a sua maneira de viver e de se conduzir.

Ivan Lebedeff jamais deixa de cumprir os seus compromissos sociaes, embora isso lhe traga uns acrescimos de trabalho, contrastando com o pouco repouso que tem. Acusam-no de bebedor, mas ele fa-lo sempre sem excessos, nunca se tornando inconveniente

E' jogador, como quási todos os russos, ganhando e perdendo enormes quantias. Segundo afirmam, duma vez levou à gloria uma banca em Monte-Carlo, tendo ganho 250 mil francos, os quaes foram distribuidos na maioria pelos pobres.

Com as mulheres, é considerado o homem mais distinto de Hollywood. O seu sistema de



IVAN LEBEDEFF

beija-mão, naturalmente, angariou-lhe muita troca, mas êle pouco se importuna, porque jamais modifica a sua maneira de agir.

Enfim, esmiuçando completamente o seu caracter, os mais exigentes não lhe encontram a minima quebra e portanto nenhum motivo de alusão.

Hollywood, pouco a pouco ha-de se ir habituando a esse, para êles, exotico russo.

Hão-de achar naturaes os seus triunfos justissimos, penitenciando-se assim de erros passados em que só uma energia titânica seria capaz de lhe ter posto côbro.

Temos recebido com regularidade a visita do semanário de grandes reportagens *O Espião*, que se publica nesta cidade sob a direcção de Emilio Loubet. *O Espião*, que está tomando uma posição nítida no meio das revistas do genero, dedica em todos os números algumas páginas a assuntos cinematográficos.

Em virtude do sucesso alcançado pelos bonus concedidos gentilmente pela empresa do cinema Aguiã d'Ouro, os números 153 e 154 desta revista esgotaram-se por completo. Em face disto a tiragem de "Invicta-Cine" foi consideravelmente aumentada.

ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA EM TODO O MUNDO

CONTRATADA pela Paramount, Lupe Velez, fará a protagonista de «Te Broken Wing», sob a direcção de Lloyd Corrijan.

O afamado tenor Donald Novis que ainda há pouco vimos no filme «Monte Carlo», desempenha um papel importante na película «Uma hora contigo». Os principais interpretes desta produção, que está sendo filmada em Hollywood, são: Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald.

CAROLE Lombard e Ricardo Cortez, são os protagonistas de «Nenhum Homem», adaptação da obra de Rupert Hughes.

CARL Lamac, vai realizar um novo filme com Anny Ondra o qual se intitulará «A Amiga Cruel».

M. DUPONT, o célebre realizador de «Variedades», encontra-se em Marrocos filmando os exteriores de «Le Voleur de millions».

A Tragedia da Mina, o ultimo filme de Pabst, foi há dias apresentado em Paris tendo obtido enorme sucesso.

APOZ a exhibição de «O Rei da Graxa», o cinema Aguiá d'Ouro apresenta-nos Norma Shearer em «A Divorciada».

O Cinema Passos, em fins de Março, segundo consta, vai fechar as suas portas para começar com as obras há muito tempo anunciadas.

RICHARD Arlen e Nancy Carrol, estão trabalhando no filme «Wayward» que a Paramount produz no seu estudio de Long Island.

FOI apresentado em Bruxelas o filme «Inspiração» com Greta Garbo e Lewis Stone. Segundo alguns jornalistas belgas, o argumento desta película é um plágio da obra de A. Daudet «Sapho».

A M. G. M. vai filmar «Polly of the circus», com Marion Davies e Clark Gable como interpretes. E' realizador Al Santell.

BETTY Compson, desempenhará o principal papel de «Hawk Island»

que a R K O vai produzir. Nos restantes personagens aparecerão Hugh Trevor e Raymond Halton.

NORMAN Lee, conhecido realizador inglês, terminou para a B.I.P. uma comédia intitulada «Dr Jossier, K. C.». Jack Hobbs e Binnie Marnes são os protagonistas.

ROBERT Mc Gowan, está dirigindo para a Hal Roach, o filme «Spanky». São interpretes os petizes que formam a célebre Our Gang».

STAN Laurel e Oliver Hardy terminaram recentemente o filme «Palavras e Musica».

CARLEY Chase, Francis Lee e Billy Gilbert, sob a direcção de James Horne, trabalham no filme «The Tabasco Kid».

O famoso jogador de *foot-ball* Tom Leib, trabalha na película «The Kick-Off». George Steven dirige.

NA CAPA

A formosa artista americana Juliette Compton do elenco da *Paramount*.



Uma linda imagem do fonofilme da Paramount «Proezas de Shippy»



BILLIE DOVE, uma das mais encantadoras artistas do cinema americano, iniciou a sua carreira servindo de modelo a vários fotografos e pintores. Mais tarde, foi contratada por Ziegfeld tendo trabalhado durante algum tempo no palco até que foi arrebatada por um produtor cinematográfico. No inicio, trabalhou com Tom Mix em vários filmes de 'cow-boys' e depois Douglas Fairbanks escolheu-a para sua leading lady em «O Pirata Negro». O seu trabalho agradou plenamente. Seguiram-se inúmeros filmes e Billie Dove é elevada á categoria de «estrela». Apareceu o cinema sonoro. Um enorme panico se produz, no entanto, a formosa Billie Dove teve a sorte de ficar. Segundo afirmam os jornais americanos, esta artista é a mais amável de todas as interpretes de filmes. Recebe mensalmente 40.000 cartas dos seus admiradores. Responde a toaos, gastando por mês 1.600 dollares em fotografias, estampilhas e papel. Na opinião do administrador da nossa revista, Billie Dove, é a mais bela artista que o cinema possui...

Carta de Paris

alguns programas parisienses

«Partir», de Maurice Tourneur

Partir é uma obra infeliz dum grande encenador, mas é, apesar-de tudo, o trabalho dum dos mestres do cinema francês. Há dois temas neste filme. A «viagem» e a «historieta». O autor dera no seu livro o primeiro lugar à descrição da atmosfera da viagem. Tourneur ficou a meio do caminho, entre os dois assuntos. É a historieta domina. A «prima donna», o assassino, a troupe dos comediantes atravessam a acção vezes de mais para nos emocionar. Além disso o desempenho dos principais actores: Simone Cerdan e Marchat ajudam a aumentar ainda mais a impressão de monotonia e lentidão que nos assalta. Sempre que Tourneur se encontra às voltas com o mar, o barco, os indigenas, os marinheiros, impressiona-nos com belas imagens puramente cinematográficas; mas, logo depois, uma tirada sentimental de dez minutos, sob o mesmo angulo, adormece-nos...

Simone Cerdan é insuportável e Jean Marchat vai bastante mal. Os outros interpretes são bons, sobretudo Jisette que traça com arte uma silhueta difícil de rapariga moderna, apaixonada, curiosa, fatal: o único personagem verdadeiro de toda a obra,

Em resumo: um filme difícil de digerir mas, ao mesmo tempo, interessante.

«Um Chien qui Rapporte», de Jean Choux
Com este filme nós abordamos de novo a questão do cenário. Tudo, aqui, foi arranjado para nos darem uma obra-prima: um realizador que já deu provas, um grupo de interpretes excelente, uma composição acertada, bons tecnicos, uma ideia inicial com originalidade e um heroi que agrada sempre, o cão Pantouffle. Mas o assunto foi tirado duma comédia que triunfa actualmente nos «boulevards» e que contem esse espirito muito «parisiense» em que domina a «grivoiserie». O texto do filme é, em consequência, insuportável. Cada qual tratou de salvar a sua parte, menos o cenarista...



FLORELLE, a bela interprete de «Vacances»

Arletty e Lefebvre vão à maravilha. Música agradável e bonitas fotos. Apesar de tudo, não é mau cinema. E nós devemos admirar Jean Choux, que conseguiu fugir do carreiro em que o lançaram os cenaristas e soube encher este filme «à petites poules», de moral, de amor e de poesia. Choux varia os ângulos de filmagem, maneja o seu aparelho com arte e lança-se sem medo no campo da tecnica, multiplicando assim achados visuais e sonoros (e alguns são de primeira ordem). E' a êle que devemos inteiramente o facto de *Um chien qui rapporte* ser uma fita que agrada.

«Vacances», com Florelle
Vacances não é um filme perfeito mas agradou-me porque é interpretado pela mais intuitiva, a mais inteligente das artistas francesas: Florelle. Que arte, que emoção ela empresta a uma canção qualquer! Ha a notar ainda alguns lindos exteriores e o bom desempenho dos outros actores. A ideia não é má de todo mas falta a *Vacances*, para atingir a altura dum *Caminho do Paraíso*, ligeireza, fantasia e juventude. O realizador não soube encher a sua obra de achados originais que surpreendessem e encantassem. O desenrolar da acção adivinha-se sem dificuldade e o filme perde com isso.

M. HILERO

(red. de «Invicta Cine» em França)

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 20 de Fevereiro de 1932.

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 18 de Fevereiro de 1932.

O L Y M P I A

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 18 ou 20 de Fev. de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 20 de Fevereiro de 1932.

Bouboule viaja sem bilhete, Bouboule encontra sempre um assento, burlando toda a gente, e tendo sempre os graciosos a seu favor.

O seu patrão o engraxador da gare de S. Lazaro, creu um dia surpreendendo-lo atrasado, mas com pasmo geral, ele tem o ar de ter chegado primeiro. Desgraçadamente, é despedido, quando estraga o calçado dum cliente com uma graxa da sua invenção.

— Eu tornar-me-ei apesar de tudo o «Rei da Graxa», afirmou elle, indo-se embora munido com a mala da cliente que, na sua colera, deixara ficar por esquecimento..

Bouboule — foi-lhe preciso viver tentando a fortuna — improvisou-se conductor de autobus. Como o seu pesado veiculo marchava pela Madalena, reconheceu uma vez num taxi, a cliente dona da mala; precipita-se em sua perseguição, desprezando o itinerario e os protestos veementes, alcançando-a por fim num restaurante chic do bosque de Bolonha. Agradecendo, a linda, Daisy girl de profissão, entrega-lhe um bilhete de favor para o seu Teatro.

Com o seu amigo Anatole que lhe emprestou um fato de soirée, Bouboule vai ao Teatro, onde apesar da sua indignação, o colocam no «galinheiro». Na esperança de encontrar Daisy, desce no intervalo, e esconde-se nas cortinas do palco.

Perseguido pela troupe de girls, refugia-se na gaiola das focas donde sai assustado pela eminência de se ver em cena.

E' aí que ele se associa ao plano maquiavélico do «manager» Eduardo que procura

deslumbrar miss Glória com a qual quere renovar o seu contrato. Bouboule é apresentado à vedeta como um principe viajando incognito e um dos seus mais fervorosos admiradores. Convidada por sua amiga Pola

Grace, miss Glória apresenta por sua vez Bouboule e como futuro marido. Mas o verdadeiro marido: André, sob ameaça dum revolver, ordena ao falso principe que deteste sua mulher.

Bouboule julgando estar tratando com o marido de Daisy comete gafe sobre gafe, entrega-se a mil excentricidades, aceita os fundos que lhe oferece André, diz adeus a Daisy e rapta Glória.

Todos os interessados se lançam na pista dos fugitivos e apanham-nos em Nice onde o quiproquo resolve tudo com satisfação geral.

Com o dinheiro de André, Bouboule joga ao bacarat e torna-se multimilionario; André encontra sua mulher, Anatole o seu fato, Eduardo renova o seu contrato com miss Glória, e obtem a mão de Daisy.

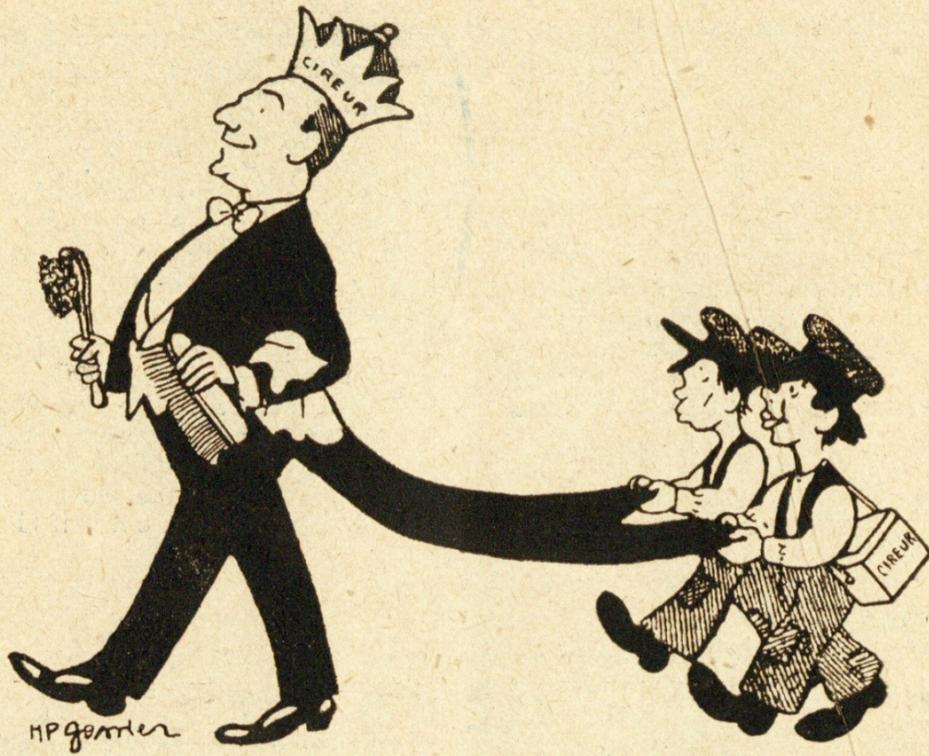
Quanto a Bouboule, depois de ter despachado todos os amigos de ocasião para a América retoma o seu armazem cantando

«T'en fais pas Bouboule». Porque ele está realmente, segundo a sua ambição, tornado o Rei da Graxa.

O REI DA GRAXA: realização de Piere Colombier com: Georges Milton, Henri Kerny, Adrien Lamy,

Henry Houry, Gildes, Simone Vaudry, Suzanne Delve, Cady Gladys e Florence Walton.

Produção: Pathé-Natan. *Registo de som:* R. C. A. Photophone.



O REI DA GRAXA

com o famoso

GEORGES MILTON

N A P R O X I M A

S E M A N A N O

A G U I A d' O U R O

Henrique da Silva Melo—Pôrto—É assim que o amigo se chama? A sua caligrafia é levada dos seiscentos diabos e eu vi-me verdadeiramente maluco para decifrar a sua carta. A primeira pergunta não a entendi. Por isso passo adiante. Sobre o filme *Soldados de Portugal* não sei nada de positivo. A direcção de Marie Glory é: 37, rue Perjolese, Paris (16^e), França. Pode escrever mais vezes mas veja se faz uma letrinha mais legível. Entendido?

Eu e ela amámo-nos—Pôrto—Bom proveito meu simpático casal de pombinhos. Não, meus amôres, não sou quem Vocês julgam. Pela descrição que fizeram da minha pessoa vejo mesmo que nem suspeitam quem eu seja. Enganaram-se.

Teixeira e Silva—Pôrto—A Direcção agradece a importância da sua assinatura anual e a amizade que tributa à nossa revista.

Gáucho—Pôrto—A ideia para um concurso, que Você apresenta, é interessante e nós já havíamos pensado nela. Todavia, por enquanto, não tencionamos organizar nenhum concurso. Mais tarde talvez. Muito obrigado pela sua bondade e pelo seu amável oferecimento. Então, divertiu-se por Lisboa?

Um futuro médico—Pôrto—Protesto, protesto veementemente contra o que Você se atreveu a dizer de Lilian Harvey! Não há o direito sequer de pensar uma coisa dessas, a respeito da harmonia física da linda Christel... Nem sei como Você pôde dizer um disparate assim! Então que dirá o amigo, duma celebrada artista portuguesa cujo nome facilmente adivinhará!... Pois evidentemente que gosto das pernas da Marlène... mas estão muito longe... Prefiro uma perna de anho bem cosinhadinha... Recebi o postal, obrigado. Comunicarei a «Flor Mimosa» e a «Um Académico» o que deseja. Até breve.

Flor Mimosa e Um Académico—«Um futuro médico», que reside na rua das Taipas, 19,2.º, Pôrto, acede a corresponder-se com «Um Académico» e gostaria de trocar impressões sobre coisas de cinema com «Flor Mimosa».

Mariana—Pôrto—Pois claro que gosto do seu nome. Basta Você ler a *Invicta-Cine* e escrever ao Amok para eu gostar do seu nome... e de si... Olhe que os homens antes do casamento são muito diferentes dos homens que surgem após a lua de mel. Ainda há pouco li um escrito de Ramalho Ortigão sobre namôro, que vem muito a propósito do que me conta: Havia um rapazinho que conseguira captar as boas graças duma donzela e com ela contraiu matrimónio. Depois da lua de mel, a rapariga descobre que «êle é um burguês, que se levanta às 8 horas, que toma as suas medicinas refrigerantes, que faz a barba em camisa de dormir, que quer, às 9 horas em ponto, dois ovos quentes, uma chávena de café com leite e duas fatias de pão torrado com manteiga; que, se lhe derem por qualquer destas duas coisas «um olhar, um longo olhar» daqueles que dois dias antes davam «a vida, a felicidade suprema», grita que prefere café com leite... Veja lá se o seu galã, moldado à la Henry Garat, todo ternuras e finezas, lhe sai um burguezão pronto a trocar um beijo seu por um ovo estrelado... Vamos agora à parte propriamente cinematográfica da sua longa carta: o amigo René Lefebvre mora na rue des Frois-Frères, n.º 3, Paris (18^e), França. Willy Fritsch receberá, com o melhor dos sorrisos, a sua carta, em Kaiserdam, 95, Berlim Charlott, Alemanha. Escreva mais vezes, Mariana, mesmo que quási não fale de cinema, como desta vez.

Jorge Pires—Vila Real de Santo António—O meu amigo deve estar enganado ou informaram-no mal.

Zopi—Pôrto—Gostei de ler a sua carta e gostei de ver que Você tem opinião própria. O meu camarada já apontou a deficiência ideológica do argumento, que é pretencioso, e eu digo-lhe mais, o Marrocos que nos mostraram é falso. Não afirmo isto à tôa, faço-o em face do que me contou alguém que aí viveu algum tempo e em face de documentos

fotográficos que essa mesma pessoa me mostrou. Mas ninguém aqui disse que o filme fôsse mal feito nem que não fôsse bonito. O seu entusiasmo pela Marlène é justificável e Você já não é o primeiro a derreter-se por ela. *O Milagre da Rainha?* Nem um milagre o salva... *Amor sem asas* está também encravado. Naturalmente estão à espera que o amor deixe crescer as asas. Rosa Maria, creio que ainda está para o Alentejo. Não sei a sua actual direcção. Também não lhe serviria de nada se soubesse, porque ultimamente deixára de mandar retratos.

Transmitidos cumprimentos ao Douglas Faz... bancos, que agradece. Obrigado pelo «abraço estilizado».

Alfredo Leite—Lisboa—Pois evidentemente que sim. Só fez mal em ter hesitado. O carnaval, a mim, não me atrai. Considero-o como uma das maiores manifestações de estupidéz. Como vê, sou de opinião absolutamente contrária à sua... mas não havemos de ficar zangados por causa disso. Claire Rommer: Berlim, Shöneberg, Inusbenckerstrasse, 18—Alemanha. Mande sempre.

A. Alves—Lisboa—Não sei ainda se tem dado bons resultados financeiros o emprego simultaneo, e para o mesmo filme, de um grupo de artistas de primeira grandeza. O que sei é que vamos vêr fitas com um elenco de se lhe tirar o chapéu. Imagine que em *Grand Hotel*, um filme que a M. G. M. vai produzir, entram: Greta Garbo, John Barrymore, Lewis Stone, Wallace Beery, Joan Crawford, Lyonel Barrymore e Jean Hersholt. E' formidável!

Fotogénica—Pôrto—Muito prazer em voltar a vê-la por cá! Porque é que estou proibido de retribuir as ternuras das minhas leitoras? Isso é uma longa

história! O melhor é mudarmos de assunto.

Diz Você—e eu muito lho agradeço—que gosta muito da maneira sempre amável como respondo aos meus leitores. Mas eu sou a amabilidade em pessoa. Você ainda não sabia?... Sabe? Consolam-me as suas palavras de simpatia. Noutro dia, uma outra fotogénica, minha conhecida, chamou-me com desprezo «um pinga-amor»... O que ela tem, isso sei-o eu, é inveja... Então Você acha que o Garat «está cada vez mais lorpinha». Dê cá um abraço. Somos da mesma opinião. Faz muito bem em preferir o Willy Fritsch. Escreva-lhe para Kaiserdam, 95, Berlim Charlott, Alemanha. Escreva mais vezes.

Mar-e-Alva—Você agora é infalível nestas colunas. Muito obrigado por cada vez gostar mais da nossa revista. O número 153 esgotou-se por completo, no Porto. Só quando vierem as sóbras de Lisboa e provincia é que o poderemos servir. Volte a escrever-nos, daqui por algum tempo, sobre êste assunto, mas seria favor faze-lo em carta especial dirigida à Administração.

Rei Carnav. I—Porto—Você precisa ser destronado para ser implantada a República Juizo... Diga-me cá: Você estava bom quando me escreveu? Não lhe teria subido nada à cabeça??... Juizinho, amigo, é o que lhe desejo.

AMOK

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem concorrido

346-Rua de Santa Catarina-350



Escuta...

compra as
sedas, lãs,
peles e
botões

na

CENTRAL
DOS
LOIOS

11-LOIOS-14
TELEF. 1599
PÓRTO

Castelo Lopes, L.^{da}

a firma detentora dos melhores filmes
de produção europeia e americana

apresentou já esta temporada

O SENHOR DIRECTOR

comedia musical com:

MARY GLORY, JEAN MURAT e ARMAND BERNARD

RESSURREIÇÃO

da obra de TOLSTOI com:

LUPE VELEZ e GILBERT ROLAND

RATO D'HOTEL

interessante comédia com:

BETTY STOCKFIELD e ROLAND TONTAIN

NOS LABIOS... NÃO

encantador fonofilme com: NICOLAS RIMSKY

A REVISTA das REVISTAS

surpreendente produção na qual vemos o maior
conjunto de "estrelas" até hoje reunidas

- - e - -

O Lobo da California

com o celebre cow-boy:
KEN MAYNARD